

RUA IRMÃOS BIERRENBACH

Deliberação da Câmara de 31-08-1927

Edital de 12-09-1927

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-lei nº 311 de 13-11-1945

Aprovado pela Resolução nº 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo

Formada pela via que recebeu o nº 3 na antiga planta da Prefeitura(1927) e depois denominada Travessa Irmãos Bierrenbach

Início na rua Major Solon

Término na avenida Júlio de Mesquita

Cambuí

Obs.: O edital assinado pelo Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em Exercício, Celso da Silveira Rezende, deu a denominação de "Travessa Irmãos Bierrenbach". O decreto nº 92 foi revogado pelo decreto nº 94 e ambos foram pelo Prefeito Municipal, em Comissão, Perseu Leite de Barros. O decreto-lei nº 311 assinado pelo Prefeito Municipal Joaquim de Castro Tibiriçá, deu o nome de "Rua Irmãos Bierrenbach em substituição à "Travessa Irmãos Bierrenbach".

IRMÃOS BIERRENBACH

Três foram os irmãos Bierrenbach, filhos do casal alemão João Bierrenbach e Bárbara Reichmann Bierrenbach: João Antonio nascido em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 10-abril-1833 e falecido aqui em Campinas em 31-julho-1882, delegado de polícia de Campinas, em 1864, casado com Maria Clementina Bueno Bierrenbach, deixando descendência, entre a qual o brilhante e famoso tribuno João Cesar Bueno Bierrenbach; João, nascido em São Paulo em 14-abril-1838 e falecido na cidade de São Paulo, em 20-abril-1889, foi sócio da Casa Bierrenbach e Irmãos, foi vereador em Campinas e casou-se com Francisca Ernestina Bueno dos Reis. Com inclinação para agricultura, na chácara, nos fundos da fábrica, João plantou um roseiral com a famosa rosa negra, com sementes vindas da Europa e cultivou pereiras, tamareiras e uvas finas, chegando a fabricar excelente vinho, além de numa fazenda em Cajuru, neste Estado, haver iniciado a plantação de café e na feira realizada em 1885, no Largo do Rosário, fez a apresentação de amostras de uma exuberante coleção de cafeeiros, vinda de diferentes zonas de cultivo; e, João Miguel, que foi o último dos irmãos a vir para Campinas a fim de integrar-se à sociedade "Bierrenbach e Irmãos", pouco sabemos a seu respeito, mas que havendo viajado em certa ocasião, não

mais retornou e nunca mais ninguém teve notícias suas ou de seu paradeiro. João Antonio Bierrenbach fundou em Campinas, em 1857, no bairro de Santa Cruz, uma fábrica de chapéus, adicionou em 1865, uma máquina para descaroçar o algodão e uma prensa para enfiá-lo e, em 1870 criou uma oficina de máquina para a lavoura e uma grande fundição de ferro e bronze. Em 1872 nesse oficina instalada no Largo de Santa Cruz os Irmãos Bierrenbach criaram e iniciaram a fabricação das primeiras máquinas para o benefício do café, invento este que marcou uma grande etapa para a lavoura e o comércio cafeeiro. A fábrica de chapéus localizava-se na rua da Ponte de Santa Cruz nº 18 (hoje rua Major Solon), e à rua Direita nº 21 (atual rua Barão de Jaguará) era mantida uma loja para vendas e que também servia de depósito de chapéus. A oficina de fundição funcionava no Largo de Santa Cruz (hoje Praça XV de Novembro) nº 40 e sua área se estendia até onde hoje está situado o Colégio Progresso Campineiro. O João Miguel cuidava da fábrica de chapéus e o João era o responsável pelas oficinas e fundições. Foram os Irmãos Bierrenbach os pioneiros da indústria em Campinas, cabendo a eles também, diversas primazias. A Casa Bierrenbach foi a primeira que admitiu o trabalho livre da mulher em sua fábrica, que chegou a ter 300 trabalhadores. Fabricavam máquinas de qualquer tipo e tamanho, fabricavam carros, arados, moinhos, engenhos de cana, serras, prensas, etc, tudo o que fosse encomendado. Participaram ativamente e contribuíram em todos os empreendimentos da cidade. Deram o mobiliário e enxoval completo de duas enfermarias, na inauguração da Santa Casa, como é doado, construído e instalado por eles os gradis e todas as armações de ferro desse estabelecimento de caridade. Escadas, pontes, balaustres de nossas praças e ruas eram confeccionados e doados pelos famosos Irmãos. A pedido da Prefeitura abriram ruas, reformaram prédios, mobiliaram a agência postal local e mais uma gama variada de importantes contribuições. Foram sócios fundadores da Sociedade Alemã de Instrução e Leitura, depois Escola Alemã e do Colégio "Culto à Ciência". Concorreram em exposições regionais, nacionais e na de Filadélfia, expondo máquinas e produtos criados e fabricados em Campinas pela Casa Bierrenbach e Irmãos, havendo em todas elas obtido prêmios.



centro
de
ciências,
letras
e
artes

revista

ano
quincuagésimo
sexto
n.º
sessenta
e quatro





REMEMBRANÇA

○ Centenário de uma Indústria Campineira

Noêmia Bierrenbach de Castro

TRAVESSA IRMÃOS BIERRENBACH

Denominações de ruas

Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 31 do mez findo, e de accordo com o art. 7.º da Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:

AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob n. 1, planta da Prefeitura); — RUA DR. GUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Alferees Raymundo*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMÃOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar a Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bifurcada em duas, na parte que vae da bifurcação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Culto á Sciencia, em frente ao Gymnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Maranhão, no Botafogo. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafogo. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARAES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e paralela á precedente (sob n. 10, planta da Prefeitura) — RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua paralela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogiana, e geralmente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); — RUA AMADOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo. (sob n. 12, planta da Prefeitura); — RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Itaá*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); — RUA DR. RODRIGO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, paralela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyra*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); — AVENIDA DR. WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localisada entre as linhas das Companhias Paulista e Mogiana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); — RUA LUIZ GAMA, a paralela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana. (sob n. 16, planta da Prefeitura); — RUA DR. THEODORO LANGAARD, a 1.ª paralela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); — RUA SAMPANNA GOMES, a 2.ª paralela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); — RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua paralela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); — RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª paralela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); — RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª paralela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); — RUA JULIO RIBEIRO, a paralela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM VILLAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Invalidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, paralela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*, (sob n. 25, planta da Prefeitura); — RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Alberto Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Alferees Raymundo. (sob n. 26, planta da Prefeitura); — RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e paralela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa paralela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); — RUA OSCAR LEITE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), paralela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguara. (sob n. 29, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); — RUA DR. CARLOS GUIMARAES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 4, planta da Prefeitura); — RUA DR. SAMPAIO FERRAZ, a 1.ª rua paralela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Cel. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); — RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende





Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

D E C R E T A :

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,
ADMAR MAIA



Decreto-Lei N. 311

DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. I, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939,
DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BARÃO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Morais Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ BALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GENÉRALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA BARÃO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguaiana;

RUA DONA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saudade, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Betim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecido como Ranulfo Sales;

RUA ALVARO VILAGELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Morais Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Ranulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SOBRE' — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bieudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emilio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapadão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Pentecado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Germânia;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISIÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTONIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lima e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guanabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo, em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambuí, que começa na Rua Emilia Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DAUNTEE — antiga Rua Um, da Vila Cambuí, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de retórno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA CARLOS KAYSEL — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Monteiro;

RUA LUIZ SILVERIO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Raulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOAO EGIDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Raulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Betim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO GONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retorno;

RUA BERNARDINO DE SENNA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi que começa na Avenida da Saúde e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NERI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retorno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Maia;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Ercília, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ÁLVARES CABRAL — antiga Rua Alta, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Salgado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Guedes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1903);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANEBORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

X RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (edital de 12 de setembro de 1927); X

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrembach, que começa na Rua Irmãos Bierrembach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

X Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).



Primeiro centenário da indústria em Campinas:

A HISTÓRIA DOS BIERRENBACHS

ALAOR MALTA GUIMARÃES

Falamos, em trabalho anterior, da história da indústria em Campinas, da sua iniciação, dos Irmãos Birrenbach, das realizações desses intrépidos bandeirantes de uma era em que tudo era difícil. Dissemos, também, que a homenagem a eles prestada pela cidade era muito insignificante se comparada com o que eles fizeram no campo industrial, comercial, agrícola e da bem-estar. Uma rua pequena, uma rua muito pequena, é realmente muito pouco para homenagear três vultos tão grandes. Mas, é uma homenagem.

Fizemos, então, um apelo à

indústria local, ao CIESP e ao Dr. Lucien Genevois para que fizessem algo para perpetuar a passagem do "Primeiro Centenário Industrial de Campinas". Apelamos pessoalmente ao Ruy Rodriguez esse dinâmico e jovem Presidente da Associação Comercial e Industrial de Campinas. Agora... Bem, agora só nos resta esperar os acontecimentos.

Enquanto esperamos, falemos mais intimamente dos Irmãos Birrenbach. Para tanto, ouçamos a palavra esclarecedora dos descendentes dessa estirpe de homens ilustres, orgulho de uma nacionalidade.

"... João Birrenbach, pai dessa rapaziada que Campinas d'outrora tanto admirou e que a cidade reconhecida já homenageou, era alemão de origem, tendo nascido em Brandenburg, Alemanha. Veio para o Brasil em 1829 como integrante de um dos batalhões da Guarda da Segunda Imperatriz do Brasil, Dona Amélia de Leuchtenberg, segunda esposa de D. Pedro I.

As coisas no Sul do Brasil não iam bem. Revoltas e constantes perturbações da ordem disseram com que D. Pedro I enviasse para lá a tropa a que pertencia João Birrenbach, com o objetivo de guarnecer as fronteiras do Rio Grande do Sul.

João Birrenbach, desgostoso com as incertezas da vida militar, reformou-se e se estabeleceu em Pelotas, onde, em 1832, consorciou-se com a professora Barbara Reichmann, também alemã, da Baviera, e que dirigia um colégio da colônia alemã de S. Leopoldo, fundado em 1824.

Em Pelotas João Birrenbach fez funcionar a sua primeira fábrica de chapéus. Logo de início se apercebeu das dificuldades para obtenção de matéria prima, isto porque, sendo ela importada da Europa, e a navegação, à vela, difícil, portanto, de ser efetuada até a cidade do Rio Grande, teria ele que procurar outro meio de obtê-la ou então desistir de semelhante indústria. Daí volver suas vistas para o pélo dos coelhinhos, especimem que infestava os brejos do Rio Grande do Sul. Com isto conseguiu levar a ua indústria avante, até que, em 1837, aborrecido com as constantes guerrilhas que perturbavam o sossêgo da região, tornando mesmo a vida ali insustentável, resolveu transferir sua residência para São Paulo, onde se instalou no mesmo ano, à Ladeira do Piques nos 10 e 11, também com fábrica de chapéus. Aqui a indústria lhe foi mais próspera e tanto assim que logo mais abriu uma loja para a venda dos seus produtos à rua da Imperatriz, hoje rua 15 de Novembro.

Mais tarde adquiriu uma vasta área de terra e nela formou um sítio que existiu no local hoje denominado Bairro do Limão, nome que é a corruptela de "alemão", pois o povo achava muito difícil pronunciar o nome de Birrenbach, daí dizerem sítio do João Alemão, mais tarde passando para a denominação popular de Limão, a qual até hoje ostenta. Neste sítio ensaiava a cultura do trigo em sociedade com o Senador Sousa Queiros.

Os impressos dos anos de 1850 e 1855, utilizados pela firma, trazem a inscrição seguinte: "Fábrica de Chapéus a Vapor". O pessoal empregado na referida fábrica, na sua quase totalidade, era alemão, contratado na Europa, alguns escravos e brasileiros.

João Birrenbach faleceu em 1855, ficando a direção da fábrica e de todos os negócios entregues aos cuidados da viúva. Esta faleceu no ano de 1960".

Agora, a história dos Birrenbach ligados à Campinas:

"... João Antônio Birrenbach, filho do casal João e Barbara, nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 10 de abril de 1833 e veio estabelecer-se em Campinas em 1857. (Silva Leme — Genealogia Paulistana — Vol. 9.º — 1905 — página 194 —

O Capitão João Antonio Birrenbach, do n. 7-1 do texto, fundou em Campinas, no Bairro de Santa Cruz, uma fábrica de chapéus, adicionou em 1865 uma prensa para algodão, e em 1870 criou uma oficina de máquinas para lavoura e uma fundição em ferro e bronze, obtendo prêmios para seus produtos industriais nas exposições do Rio de Janeiro em 1875 e na Filadélfia em 1876. A casa Birrenbach foi a primeira que admitiu mulheres livres no trabalho da fábrica e foi a introdutora em São Paulo das máquinas de costura de Singer, que muita modificação vieram trazer à vida das senhoras paulistas. O capitão João Antonio Birrenbach ocupou cargos de confiança na administração pública, sendo delegado de polícia em Campinas em 1864; faleceu nessa cidade em 1882...), na rua da Ponte (hoje Major Sólton), com fábrica de chapéus. Tendo praticado com seu pai e possuindo muito tirocinio, prosperou e deu rapidamente à sua fábrica um grande desenvolvimento. A firma Birrenbach & Irmãos era constituída dos Irmãos: João Antonio Birrenbach, João Birrenbach, nascido em S. Paulo em 14 de abril de 1838. (Silva Leme — Genealogia Paulistana — Vol. 9.º — 1905 — página 194 — João

Birrenbach, nascido em São Paulo, para onde mudou-se seu pai e fundou uma fábrica de chapéus, foi sócio da Casa Birrenbach & Irmãos, foi vereador em Campinas, e casou-se com Francisca Ernestina Bueno dos Reis, filha de Francisco Bueno dos Reis, da Campanha, Minas; faleceu em S. Paulo em 1889 e deixou filhos...)

Em 1865 instalaram prensa para enfardamento de algodão e em 1870 uma afamada oficina de fundição de ferro e bronze onde executavam toda espécie de implemento necessário à agricultura, à indústria, aos transportes e às construções. Mantinham à rua Direita (hoje Barão de Jaguará) n.º 21, uma loja para a venda dos chapéus para homens e senhoras, fabricados na rua da Ponte. A oficina e fundição funcionavam no Largo de Santa Cruz, n.º 40 (hoje Largo XV de Novembro) e ocupavam uma grande área no extremo da propriedade, área de mais de 5 alqueires e que começava na rua Major Sólton e seguia pelos dois lados da Praça XV de Novembro, indo terminar no bosque, local hoje ocupado pelo Colégio Progresso Campineiro".

Todos os trabalhos da firma Birrenbach & Irmãos gozavam de grande reputação e tinham grande acolhida na praça de Campinas e nas de fora.

Dêsse tempo e para que possamos aquilatar o que teria sido essa poderosa organização, reproduziremos, a seguir um folheto-propaganda:

**BIERRENBACH & IRMAOS
CAMPINAS**

Oficina Movida a Vapor
Largo de Santa Cruz, 40

Fabricantes e Importadores de Machinas para a Agricultura e Industria. Oficina de caldeireiro de ferro para o fabrico e concerto de machinas a vapor. Fundição de Ferro e Bronze. Teem sempre grande sortimento de peças soltas e vendem toda e qualquer peça que lhe for encomendada. Especialistas no fabrico de machinas de beneficiar, burnidores, aradores e cultivadores; debulhador de café, matadores de formigas, moinhos, engenho de cana (de moer), ditos de serrar, prensas para mandioca, algodão, no que temos adaptado grandes melhoramentos. As machinas de nossa fabricação são superiores as de outras precedencias. Fabricam carros ou carroças para transportes de productos agricolas, e tambem trolls de duas ou de quatro rodas de especial flexibilidade e solidez. Mandam vir da Europa ou dos Estados - Unidos qualquer machina por encomenda. Os fabricantes teem montado a sua officina em condições de fornecerem as maiores peças de ferro fundido, que a nossa lavoura ou industria até agora tem reclamado...

No verso dêsse folheto-propaganda, lemos:

EM CAMPINAS

FABRICA A VAPOR — rua da Ponte de Santa Cruz, n.º 18.

Fabricantes e importadores de chapéus de todas as qualidades. Vendem por atacado e sobre condições mais vantajosas que outros fabricantes. A fabrica fornece diariamente 300 chapéus, e tem seu maquinismo em condições de fornecer 500 diariamente.

EM SÃO PAULO

FABRICA de CHAPE'OS DE LUXO — rua de S. Bento, 55.

Especialistas no fabrico de chapéus guarnecidos para senhoras e de seda patente para homem. Nesta casa encontra-se o mais completo sortimento de chapéus, que vende-se por atacado e a varejo sobre condições mais vantajosas que as d'outras precedencias. Fabricação chapéus por medida e em formato ao gosto do comprador.

Deposito em CAMPINAS — Para venda de chapéus a varejo, a rua Direita, 21".

Ai estão três anúncios da poderosa firma de Campinas daquelles tempos.

Mas, vamos além:

"...Quando chegava a Santos algum navio com avarias, lá ia o pessoal da firma Bierrenbach & Irmãos proceder os necessarios reparos. Não foram poucas as vezes que peças inteiras foram desmontadas e trazidas até Campinas para os reparos que se faziam necessários e depois recambiadas a Santos.

A primeira fábrica acionada a vapor que funcionou em Campinas, foi a deles e o locomóvel para tal fim foi importado da Inglaterra, sendo transportado pelo vapor "Clayton" até Santos e dali para cá em carro de boi.

A fábrica a que nos aludimos, aberta em São Paulo, à rua de S. Bento, 55, teve o seu principio em 1875.

As primeiras máquinas para beneficiar café — que até então era beneficiado em pilões, geralmente movidos à água, sendo a separação e a catação feitas à mão e por escravos —, foram por eles fabricadas em fins de 1872 e principios de 1873.

Obtiveram prêmios nas exposições a que concorreram, notadamente na Provincial, em São Paulo, na Nacional, no Rio de Janeiro, em 1875, quando expuzeram chapéus fabricados pelas duas fábricas e com máquinas agricolas de beneficiar café e panificadores. No ano seguinte, 1876, concorreram à Exposição Continental de Filadelfia, sendo premiados.

Estas indústrias que começaram com um número reduzido de operários, chegaram a contar com cerca de 300 trabalhadores, número bastante significativo para a época.

João Antônio Bierrenbach faleceu aqui em Campinas em 31 de julho de 1882. Com este infausto acontecimento fechou-se o belo ciclo industrial da próspera industria campineira que por muitos anos foi a grandeza de Campinas e do Brasil e que tantos e tantos beneficios proporcionou a todos. Sete anos mais tarde João Bierrenbach desaparecia em São Paulo. Seu falecimento ocorreu no dia 20 de abril de 1889. João Miguel viajou e nunca ninguém mais soube do seu paradeiro".



Antes de encerrarmos, voltamos, ainda mais uma vez ao passado e vejamos algo mais feito por esses rapazes.

"... em 1881 abriram, em terrenos de sua propriedade, a rua Augusto César, (hoje Avenida Júlio de Mesquita); a travessa das oficinas, é hoje a rua Irmãos Bierrenbach; chamava-se Alameda Germania a atual rua Coronel Silva Teles; a rua Dr. Guilherme da Silva foi outrora a rua Alferes Raimundo. A rua do Matias e outras foram abertas em suas terras.

Por solicitação da Câmara, eles, por conta própria, renovaram e mobiliaram o porão da antiga cadeia pública (que ficava no local onde está hoje o Monumento - Túmulo de Carlos Gomes) para ali funcionar a Agência Postal de Campinas, da qual, segundo contam, eram eles os maiores fregueses. Ainda a pedido da Câmara, eles e Francisco Krug canalizaram às suas expensas, o córrego do Tanquinho (que passa canalizado sob a rua Barão de Jaguará e C. Bierrenbach) desde a nascente pouco acima do Largo do Pará, até o Largo do Teatro Municipal e construíram neste último um chafariz para o abastecimento de água potável à população, fazendo ainda, no local, um bebedouro para animais.

Deles jamais Campinas teve uma negativa para qualquer obra de benemerência ou de utilidade pública. Os gradis da Capela da Santa Casa de Misericórdia; o mobiliário e enxoval das duas enfermarias; o gradil da escada que dá para a rua 13 de Maio, da nossa Catedral, foram por eles doados. No Passeio Público (atual Praça Imprensa Fluminense)

— duas pontes de cimento eram ligadas por um artistico gradil de ferro ricamente trabalhado. Dadiwa de João e João Miguel Bierrenbach. A escada e partes recobertas de cimento imitando cipó (estão lembrados?) na balaustrada foi doação de João Antonio. João Miguel cuidava da fabrica de chapéus e João era o responsável pelas oficinas e fundições de ferro e bronze.

Numa fazenda em Cajuru iniciaram a plantação de café em triângulo — o café bourbon — imitando o sistema adotado pelos ingleses nas plantações das ilhas africanas. João Bierrenbach, como o pai, tinha verdadeira inclinação para a agricultura. Recebendo revistas agricolas de varias partes do Mundo, punha em pratica, na sua chácara, nos fundos da fábrica, tudo o que nelas havia de ensinamentos. Conseguiu obter em seu roseiral a famosa rosá negra, quando na Europa surgiu a qualidade Principe Negro. Cultivou pereiras, tamareiras e foi um respeitavel viticultor, chegando a fabricar — graças à competencia e colaboração do Dr. Pereira Barreto —, excelentes vinhos de mesa e de sala. Uma exuberante coleção de cafeiros — amostras providas das mais diferentes zonas de cultivo da rubiácea na época de 1882/85 —, expôs ele na tradicional e célebre exposição-feira de 1885, realizada em pleno Largo do Rosário (atual Praça Visconde de Inhaúba).

E para concluir: o primeiro poço artesiano que aqui existiu, foi por eles aberto em terrenos de sua propriedade!"

João Bierrenbach foi vereador à nossa Câmara e a ela prestou sempre eficiente colaboração.

Foram grandes demais para uma homenagem como a que a cidade lhes tributou. Eles mereciam muito mais de Campinas e esse muito mais a poderosa industria campineira bem o poderia dar em uma das praças da cidade. Campinas tem poucos monumentos face, à sua tradição.



Há precisamente 100 anos!

Apeava em frente a um dos hotéis da cidade um jovem de aspecto estrangeiro. Vinha acompanhado pelos seus escravos e trazia grande bagagem, diferente das que eram habituais aos viandantes que iam para o interior.

Este moço vinha se fixar em Campinas. O ambiente da cidade o interessava desde quando, como viajante da fábrica de chapéus de seu pai, o alemão naturalizado brasileiro João Bierrenbach, estabelecido no bairro do Piques em S. Paulo desde 1837 e que mais tarde desenvolveria muito negócio com cidades e vilas do interior, tendo então o filho como seu viajante, este preferia os negociantes desta cidade, na maioria honrados portugueses cumpridores dos seus deveres.

Inaugurava-se, pois, no interior da Província de S. Paulo, no mês de março de 1857, na casa n. 18 da rua da Ponte, hoje Major Solon, a Indústria, e precisamente em Campinas. Esta foi a primeira fábrica do interior; ficava pois entre a cidade e o próspero Largo de Sta. Cruz, hoje 15 de Novembro, centro muito comercial então, pois nele fôra construído o «Rancho Reyuno», a primitiva estação rodoviária, ou mais acertadamente hipoviária, que viajantes e cargas eram transportados pelos cavalos e muares. Estes ranchos eram poucos, feitos pelo govêrno, para repouso e pernoite dos viandantes, localizados à distância de cerca de 6 em 6 léguas, à beira das estradas e sempre tendo perto alguma aguada e um pasto para as alimárias. Este «rancho» ficava no Largo, e a rua da Ponte de Sta. Cruz, depois do Largo, seguia com o nome de rua de Mogy e rareadas as casas começava a Estrada com o mesmo nome de Mogy, ligando as vilas de Jaguary, Mogy-Mirim e demais povoados esparsos pelo grande sertão. Portanto, num ponto bem comercial, é que foi instalada a fábrica de cha-

péus que João Antônio Bierrenbach transferiu da rua da Palha em S. Paulo para a rua da Ponte de Sta. Cruz em Campinas.

Antevendo que a casa progrediria como progredia a cidade, o proprietário trouxe para ela o seu irmão João Miguel. Os 3 desenvolveram muito a fábrica, cujos chapéus eram vendidos em 2 lojas, uma por atacado na própria fábrica e a outra no ponto chique da cidade, na Rua Direita n. 29, no local onde hoje opera o Banco Comercial do Est. de S. Paulo.

Em 1867 a firma Bierrenbach Irmãos fez vir da Inglaterra um vapor Clayton para acionar as máquinas. Na frente do vapor em uma placa de ferro estava gravado: «Vapor Clayton, fabricado expressamente para Bierrenbach e Irmãos, Campinas, Província de S. Paulo, Brazil». Este foi o primeiro vapor que passou sobre a ponte do Tietê, rumo ao interior de S. Paulo. A chegada do vapor foi um verdadeiro acontecimento em Campinas. A Câmara Municipal consignou em ata esse fato e os proprietários da indústria tiveram que reparar os buracos na rua da Ponte para que os carros de bois que transportavam a pesada carga pudessem subir até à fábrica. Do porto de Santos até Campinas o percurso levou quase um mês.

A firma Bierrenbach e Irmãos montou uma máquina para descarregar o algodão e uma prensa para enfiá-lo. O algodão era colocado no mercado municipal, mas durante a guerra de secessão nos Estados Unidos era enviado também para o norte desse país.

Em 1869 iniciaram a Oficina Mecânica para utensílios agrícolas e em 1870 a grande Fundição de Ferro e Bronze no Largo de Sta. Cruz; foi aí que em 1872, 73, criaram e iniciaram a fabricação das primeiras máquinas para o benefício do café e este invento dos pioneiros da in-



dústria em S. Paulo marcou uma grande etapa para a lavoura e o comércio cafeeiro. Bastaria essa criação para tornar a firma benemerita.

Em 1875 instalam em S. Paulo, na rua de S. Bento, uma fábrica filial da de chapéus, de Campinas, e nesse mesmo ano na Exposição da Província de S. Paulo foram expostos no mostruário da firma muitos e variados produtos das 2 fábricas, para senhoras, cavalheiros e crianças; nos salões das indústrias figuram máquinas completas para o benefício do café, do algodão, da cana de açúcar, da mandioca, do milho, amassadeiras mecânicas para padarias, máquinas para extinguir fornicueiros, bombas contra incêndio, bombas para água, utensílios para a lavoura, ferramentas, diversos arados, acessórios para arreios, trollys, diversos tipos de carroças, e fogões na parte artística, diferentes escadas, retas, quebradas, curvas, em caracol, grades, gradis, portões, porteiros, aldrabas, cadeiras, mesas e bancos para terraço e jardim, camas e tudo o que se usava e fabricava na época com o ferro fundido e o bronze. Os sinos eram afamados. Os gradis da capela da Santa Casa foram feitos nessa época. Cruzes e grades para túmulos também eram feitos nas oficinas.

O apuro na qualidade do material, o esmero na fabricação e a seleção dos operários contribuíram para o êxito extraordinário da organização Bierrenbach e Irmãos.

Assim como em S. Paulo, na exposição nacional do Rio de Janeiro em 1875 foram premiados os trabalhos das fábricas de chapéus e de máquinas para a lavoura, igualmente na grande exposição continental com que os Estados Unidos celebraram o centenário da sua independência em 1876, em Filadélfia, e os diplomas obtidos nesses certames estão em poder dos descendentes; mas as me-

dalhas ficaram no arquivo da Província, donde foram levados para o Museu do Ipiranga.

Expandiu-se a firma tanto técnica como financeiramente sob a orientação do criador da indústria e a eficiente colaboração dos 2 sócios e irmãos; no entanto, eles lutaram muito com a falta de operários; não os havia no país e para obtê-los na Europa eram precisos contratos onerosos passados nos consulados, visto não haver corrente imigratória no tempo da escravidão. Os operários que se adaptavam aqui gozavam de garantia de tempo de serviço, de habitação, de crédito nas casas varejistas, assistências médica e hospitalar nas dependências do estabelecimento ou nos domicílios e desde o início do hospital da Santa Casa a firma tomou para seus servidores 3 leitos na enfermaria geral e 1 quarto particular para atender aos seus doentes; a escola diurna para os filhos dos empregados era dirigida pela educadora Srta. Josephina Sarmiento e a noturna para os operários era dirigida pela americana D. Maria Emerson, que anos mais tarde lecionou nos colégios de S. Paulo. Os operários que não se ambientavam eram recambiados para a Europa com a passagem paga e à firma isto acarretava despesas, dissabores e ainda contratemplos com o retardamento dos trabalhos fabris.

E naquele tempo de vida barata e escassez da moeda havia ainda um grande óbice: a indústria não podia desenvolver devido ao limitadíssimo crédito, pois não havia ainda a organização bancária, que era substituída precariamente pelos capitalistas. A moeda em circulação era muito pouca para a expansão agrícola e a aquisição do braço servil e portanto nada sobrava para a indústria, em que aliás naquele tempo não se acreditava ainda.

O juro comum era 8% ao ano, exigin-



do se sempre fiador e muitas vezes se pagava aos capitalistas 1% ao mês! No entanto a indústria de máquinas e indústrias agrícolas necessitava inverter grandes capitais para bem mais tarde obter os lucros. Nessas condições a indústria prosseguia a passos muito lentos.

Considerando-se estes impecilhos de tanta monta calcula-se quanta tenacidade e trabalho representa a tradição da grande indústria que na Província de S. Paulo foi criada há 100 anos! em Campinas pelo brasileiro João Antônio Bierrenbach e seus Irmãos.

Era a firma a única propriedade de escravos que remunerava o trabalho destes quando era necessário fazer serão nas oficinas, e então os fundidores escravos ganhavam como os operários livres. E as ocasiões eram freqüentes, pois que para qualquer avaria em máquinas e em qualquer local, era enviado o pessoal da casa para remediar ou remeter a peça estragada para a oficina em Campinas, conforme o caso. Assim até barcos que arribavam avariados ao pórtio de Santos eram refeitos pelas oficinas Bierrenbach.

Os 3 irmãos eram industriais de grande visão: o salário era pago quinzenalmente; o pessoal gozava de crédito até 1/3 do ordenado em qualquer mercearia da cidade, ao critério do empregado. Era lhes garantido o aluguel da residência; tinham escola para os filhos e garantida a assistência médico-hospitalar.

Além de desenvolverem uma indústria que chegou a empregar 300 operários, conforme nos conta o saudoso historiador campineiro Leopoldo Amaral, eles ainda achavam tempo para prestarem serviços sociais e sempre como benemerência. Vejamos: quando João Antônio mudou-se de S. Paulo para Campinas em 1857, ele era tenente de infantaria da Guarda Nacional por serviços prestados à polícia paulistana, visto que a essa milícia estava afeta a direção do policia-

mento. Pelos serviços prestados em Campinas foi elevado a capitão, e neste posto serviu como delegado em exercício em 1865, quando a polícia recrutava voluntários para a guerra contra o Paraguay.

Em 1863, a pedido da Câmara Municipal, refez o atêrro na ponte de Santa Cruz. Visto a natureza do terreno e as condições do trânsito, esse serviço necessitava direção competente e prática. Em 1864 serviu como suplente de vereador. Em 1865 foi delegado da polícia em exercício.

1866 — A pedido da Câmara Municipal transferiu a agência postal para o pavimento térreo da Cadeia e Casa da Câmara instalando-a convenientemente.

1867 — Substituiu o Juiz Municipal como seu primeiro suplente.

1869 — A pedido da Câmara Municipal fez parte da comissão incumbida de canalizar a água do Tanquinho no Bairro Alto (hoje Largo do Pará) e construir o chafariz no Largo do Teatro, utilizando aquela água para as moradias e para bebedouro dos animais.

João Bierrenbach prestou igualmente muitos e valiosos serviços à cidade. Vereador em 2 legislaturas, datam dessa época a construção do primeiro matadouro municipal, o muro de arrimo que nivelou o Largo de Santa Cruz hoje Praça 15 de Novembro, a criação da chácara modelar no Largo de Santa Cruz, verdadeira escola de horticultura, pomicultura, floricultura e viticultura, dirigida por um agrônomo francês contratado especialmente para formar essa chácara modelo que foi secundada muitos anos após pelo estabelecimento Dierberger em S. Paulo. A chácara Bierrenbach introduziu muitas plantas hoje comuns entre nós: aspargos, beterraba, flôres e frutos: variedades de roseiras, betúnias, coquelarias, ameixa preta, cereja do Rio Grande, variedades de laranjeiras, limões doces e ácidos, limas, laranjas, va-



riedades de bananeiras, de macieiras, pereiras, e outras. Introduziu também o sistema Espalier para as fruteiras rosáceas, e chegou a criar a variedade de rosa — rosa preta.

Em benefício da cidade os 3 irmãos cortaram a propriedade da firma abrindo a Travessa das oficinas, o que separou estas das residências dos sócios, e abriram ainda a «rua Nova», hoje Avenida Júlio de Mesquita, ligando o Guanabara e Santa Cruz ao Largo do Passeio Público.

Em 1876 na inauguração da Santa Casa montaram as 2 primeiras enfermarias com os enxovais completos: camas, colchões e travesseiros, acomodando confortavelmente 50 doentes, 25 homens e 25 mulheres, e doaram mais os gradis que circundam o côro em tôda a nave — lugar reservado aos enfermos — e o gradil de separação da nave da capela-mor, fogões e ferros para engomar e grande parte da ferragem necessária para a construção:

Cooperaram em tôdas as iniciativas de utilidade social, financeira e praticamente. Foram sócios fundadores da So-

cidade Alemã de Instrução e Leitura, e do Colégio Culto à Ciência.

Em 1879, na organização do Passeio Público no Largo Municipal, contribuíram com 3 pontes artísticas, em ferro fundido, colocadas sobre o regato que serpenteava pelo Passeio. Uma delas, ponte e escada para o terraço sobre a cascata artificial e gradil do mesmo terraço, era em estilo rústico imitando um cipó, a estrutura em ferro e o revestimento em cimento. O efeito belíssimo, muito adequado e uma novidade, pois o cimento era, na época, o mais novo material para construções.

Ao tempo da Guerra do Paraguai, eles celebraram as grandes vitórias do exército brasileiro com festas cívicas no Largo de Santa Cruz, local donde partiu o batalhão de voluntários de infantaria sob o comando do Cel. Drago para a defesa de Mato Grosso.

Eis em rapidíssimo resumo a atuação dos fundadores da indústria em Campinas. Muito mais teriam feito no campo social e no industrial, se não tivessem falecido tão cedo, 1 aos 49 anos, outro aos 54 e o último aos 52 anos.